

ANÁLISE DOS DESAFIOS E POTENCIALIDADES DA INTEGRAÇÃO DAS NARRATIVAS DIGITAIS NO ENSINO A DISTÂNCIA

Diana de Vallescar¹; Adérito Fernandes Marcos²

¹ Centro de Investigação em Artes e Comunicação / Polo CIAC-UAb, Portugal

² Universidade Aberta, Portugal

Email: Diana.Vallescar@uab.pt; Aderito.Marcos@uab.pt

RESUMO

A educação a distância ganha uma enorme importância na formação de um público diverso. Os cursos, de temáticas variadíssimas, multiplicam-se nas redes e universidades como Stanford, que regista mais de 100 mil alunos numa disciplina, ou os cursos MOOCs (Massive Open Online Course), da universidade de Potsdam com 700 mil alunos. As novas ferramentas geram cursos mais abertos, flexíveis, atrativos, interativos e desafiadores, situando a universidade a distância às portas de uma “revolução educativa”. As estatísticas indicam que em 2020, as universidades a distância, em contraste com as tradicionais, conseguirão angariar um número superior de alunos levando universidades prestigiadas, como Oxford e Cambridge, a render-se à evidência. Mas, será que a esse aumento de cursos, ferramentas e, sobretudo, alunos corresponde e significa um real envolvimento pessoal destes?

Neste contexto, poderá a educação a distância converter-se num elemento significativo para a vida das pessoas e da comunidade académica? Como poderíamos analisar e avaliar essa realidade, identificando possíveis variáveis que definam a base teórica da experiência, à semelhança da prática implementada a nível económico para diferenciar os diferentes concorrentes?

Nesta comunicação, propomos uma resposta inicial utilizando as narrativas digitais. O enquadramento conceptual que faremos será complementado com a descrição de uma experiência de campo (Bemposta – Mogadouro, 8-14/06/2014). O trabalho insere-se no projeto de pós-doutoramento - “narrativas digitais e diversidade” e DIVERSITY IN THE LEARNING EXPERIENCE IN (HIGHER) EDUCATION- ERASMUS MP Project (01.10.2012-30.09.2014) 528049-LLP-1-2012-1-AT-ERASMUS-ESIN.

Palavras-chave: Educação a distância; Narrativas digitais; *Storytelling*; Experiência de campo.

ABSTRACT

Distance education gains enormous importance for training diverse public. Courses of various themes multiply by means of Internet and universities like Stanford recruit more than 100 thousand of students in MOOCs (Massive Open Online Course), as well as Postdam, with over 700,000. The new tools create more open, flexible, attractive, interactive and challenging courses, placing the university away at the gate of an “education revolution”. Statistics indicate that in 2020, the distance universities, in contrast to the traditional ones, will be capable to garner a higher number of students, taking prestigious universities such as Oxford and Cambridge, to surrender to the evidence. But does this increase of courses and tools, and especially students, mean personal involvement and profound significance for them?

In this context, can long distance education become a significant element for students and the academic community? How could we analyze and evaluate it? Could it be done by identifying possible variables that would define the theoretical bases of these experiences, similar to economical field practices are presently doing to differentiate competitors?

In this paper, we will give an initial response by using digital narratives. The theoretical frame will be complemented with our description of a field experience (Bemposta - Mogadouro, 8-14/06/2014). This work is part of a postdoctoral research on digital narratives and diversity, also related with the project of DIVERSITY IN THE LEARNING EXPERIENCE IN (HIGHER) Education- ERASMUS MP Project (01.10.2012-30.09.2014) 528049-LLP-1-2012- 1-AT-ERASMUS-ESIN.

Keywords: Distance Education; Digital narratives; *Storytelling*; Fieldwork

1. INTRODUÇÃO - EMERGÊNCIA DAS NARRATIVAS DIGITAIS

"We tell ourselves stories in order to live."

Joan Didion

A transcendência do relato ao longo da história humana é indubitável. Está presente em todas as épocas, sociedades e culturas, sendo – entre outras coisas – uma forma de transmitir lições entre as gerações, assim como sabedoria (Barthes, 1990).

Bem se pode afirmar que existe uma abundante investigação sobre as narrativas e, de forma particular, acerca do papel das narrativas autobiográficas, relacionadas com a socialização e a autoconstrução da personalidade.

O conceito de identidade narrativa (*narrative concept of identity*) como construção psicológica aponta para o papel da narrativa biográfica na criação e reformulação da identidade do eu (*self*). McAdams (1985, 2008), na sua teoria narrativa da identidade, sublinha que as pessoas reconstroem a sua identidade, interiorizando e desenvolvendo histórias de vida. Nestas, a identidade assume a forma de uma história, composta por um cenário, cenas, protagonistas, trama e um tema. Por seu lado, Bluck e Habermas (2000) indicam que quando as pessoas são capazes de criar uma história de vida, de alguma forma revelam a consciência de que não se trata de uma simples coleção de factos, mas de uma compreensão e interpretação. A narração, portanto, é um elemento essencial para o acesso ao conhecimento e à construção da identidade. Além do mais, a narração do eu (*self*) é, no fim de contas, uma narração de um *self relacional*, pelo que, o exercício da narração possa ser considerado, implicitamente, como uma construção *com e em resposta às outras pessoas*. Neste sentido trata-se de uma relação dialógica.

2. NARRATIVA DIGITAL E O CONHECIMENTO DA IDENTIDADE

Um dos pioneiros das narrativas digitais (Lambert, 2013), define-a, em sentido tradicional, a partir de alguns dos seus elementos constitutivos:

- Centrada na vida do narrador, isto é, na sua vida pessoal e experiências, na sua própria voz e na partilha com os outros, como um amador e não um profissional dos media;
- Geralmente curta (com alguns minutos de duração, entre 3-5);
- Em pequena escala, "com o equipamento e técnicas imediatamente disponíveis ou à mão";
- Não é uma produção cara.

Uma definição de carácter mais geral seria a que apresenta Drotner (2008): "a wider, ongoing process of social narration through digital means" ou, mais descritiva, a de Lundby (2008:7) "A shorthand for personal narratives created, communicated and shared through digital means and training for the requisite tools".

Perante a evolução da tecnologia, será que esta pode ter um papel mais significativo e envolvente para as pessoas? E, por outro lado, que têm trazido as novas tecnologias

à arte de contar boas histórias e à formação da identidade? A experiência de Bemposta e Urrós, que a seguir referimos é apenas um início de resposta a essas questões.

3. A EXPERIÊNCIA DE BEMPOSTA - URRÓS (TRÁS-OS-MONTES)

“After nourishment, shelter and companionship, stories are the thing we need most in the world.”

Philip Pullman

Os bons contadores de histórias são pessoas que conseguem guiar com as suas palavras, motivar, ensinar, inspirar e influir. Uma boa narrativa digital deverá assim conter seis elementos:

- 1) Vivência de uma história;
- 2) Lições aprendidas;
- 3) Tensão criativa;
- 4) Princípio de economia;
- 5) Mostrar não dizer;
- 6) Habilidade técnica.

A diversidade de possíveis relatos é outro aspecto a salientar. De facto, existem várias classificações, sendo a que apresentamos a seguir (Tabela 1) uma das mais conhecidas (Lambert, 2013).

Tabela 1

TIPOS DE NARRATIVAS DIGITAIS	
Relatos sobre pessoas importantes	Relatos de caracteres - explicam a relação especial estabelecida com estas pessoas.
	Relatos em memória de, escritas em honra ou de lembrança de alguém falecido.
Relatos sobre eventos importantes	Relatos de aventuras: lugares visitados, aventuras vividas
	Relatos sobre a realização de algo: uma meta atingida, um êxito, uma graduação, algo que se ultrapassou.
Relatos sobre lugares significativos	Relatos sobre lugares importantes na nossa vida: o meu país, a minha casa, o parque, a loja, etc.
Relatos sobre as atividades realizadas	Relatos sobre atividades profissionais, gostos, compromissos sociais.
Outros relatos pessoais	Relatos de superação pessoal: como tem enfrentado dificuldades ou obstáculos na sua vida.
	Relatos de amor: relações afetivas, familiares, fraternais, etc.
	Relatos de descoberta: histórias que nos ajudam a refletir sobre o aprendido e mostram como se tem feito, descubrem-nos alguma verdade.

A experiência da narrativa pode ser enriquecida pela utilização de recursos multimédia, áudio-edição, edição de imagens, vídeo-edição, ferramentas que são fundamentais para a arte da narrativa digital. Os novos médiat tornam mais fácil, usual e “natural” a representação de uma variedade de composições que combinam oralidade, música, gráficos, imagens estáticas ou dinâmicas, e fornecem possibilidades inimagináveis de criação e representação (inclusive de transformação) dependendo do domínio das tecnologias, das capacidades e das necessidades ou interesses.

Esta técnica multimodal permite oferecer percepções profundas criando momentos mágicos que tocam profundamente e criam ligações entre as pessoas.

4. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE BEMPOSTA E URRÓS

A experiência decorreu nos dias 8-14 de Junho de 2014, na freguesia de Bemposta e a de Urrós. Estas aldeias situam-se na região do Mogadouro, uma vila portuguesa do Distrito de Bragança, na Região do Norte e sub-região do Alto Trás-os-Montes.

O nosso trabalho de campo tem por objetivo a criação de narrativas digitais a partir de um conjunto de entrevistas realizadas a um grupo de pessoas, que moram nessas aldeias. A construção de narrativas digitais pode integrar temáticas diversas. Em particular, interessa-nos perceber nos entrevistados: traços da identidade diversa, experiência de migração, aprendizagens, mentalidade, experiência de vida comunitária na aldeia, desafios e dificuldades enfrentados, estilo de comunicação, conhecimento da cultura local, etc.

Neste trabalho distinguimos dois momentos, o trabalho de campo que integra a chegada ao local, deslocação pelos diferentes lugares para observação do contexto e estabelecimento de relações sociais; realização das entrevistas a uma amostra da população; conclusão e avaliação com os participantes na experiência. O segundo momento do trabalho integra o tratamento digital das entrevistas e a análise de conteúdos.

Nesta comunicação referir-nos-emos ao primeiro momento, que se relaciona com o desenvolvimento do trabalho de campo. Para tal, a investigadora contou com a assistência de um membro da comunidade de Bemposta, que acompanhou durante os percursos e ajudou a mediar o contacto com as comunidades locais. Previamente tinha-se-lhe enviado um pequeno guião com os objetivos e procedimentos relativos ao trabalho que se pretendia desenvolver. Em diálogo, realizou-se o calendário de entrevistas juntamente com o mapa do percurso para o conhecimento das aldeias.

As entrevistas a realizar poderiam ser de duas modalidades: aberta (o participante poderia partilhar livremente experiências de vida) ou semiabertas (a investigadora formularia algumas questões que permitiriam abrir o diálogo). O processo para estabelecer e desenvolver o contacto com as pessoas, sem pressa, foi considerado fulcral. As conversas introdutórias ajudaram a quebrar o gelo, e fez-se questão que as pessoas lessem a carta - termo de responsabilidade com atenção, para escolher manter, ou não, o anonimato.

Procurou-se atender de forma especial os enunciados e as verbalizações das pessoas para chegar a captar a sua reflexão e lógica (San Martín Arce, 2000), assim como conhecer:

- Elementos da identidade das pessoas, emoções, preocupações, dificuldades, problemas, necessidades e prioridades;
- Contexto;
- Situação, posição, relações;
- Cultura local.

A tecnologia para a filmagem foi um IOS Mac Mini Ipad Modelo 532GP/A que grava com excelente qualidade em arquivos de MP4 e uma câmara de vídeo filmagem Sony HDR-CX260VE -Handycam Full HD com memória Flash, Zoom óptico 30x, LCD de 7.5 cm/3", utilizando cartões de Memória SDHC 200x 32GB.

Entre os documentos que apoiaram este trabalho, podemos citar: 1) Termo de responsabilidade que, explicado cuidadosamente, foi assinado pelos participantes; 2) Fichas de participação, que incluíam dados pessoais e observações; 3) Diário de campo, a preencher cada dia; 4) Ficha de avaliação.

Estabeleceu-se que se realizaria uma ação conjunta de encerramento com os participantes para apresentar o projeto que enquadra esta experiência: DIVERSITY IN THE LEARNING EXPERIENCE IN (HIGHER) EDUCATION- ERASMUS MP Project (01.10.2012-30.09.2014) 528049-LLP-1-2012-1-AT-ERASMUS-ESIN. Nessa sessão, apresentou-se uma pequena narrativa digital produzida neste projeto, intitulada: "XX Feira do Livro em Alpiarça, Portugal" como exemplo do que se poderia fazer e uma narrativa digital, que criámos, intitulada "Pessoas diferentes, vidas diversas: da ruralidade à diversidade" baseada, entre outras coisas, numa foto e frase marcante retiradas das entrevistas realizadas, utilizando a aplicação de Prezi. O seu objectivo foi ajudar a recolher o significado desta experiência para os participantes. Seguiu-se um momento de diálogo aberto acompanhado de um pequeno lanche e, finalmente, uma avaliação oral e escrita. Cada um dos participantes partiu com uma lembrança, que continha a sua foto e a frase relevante pronunciada durante a entrevista.

Participantes nas Entrevistas

A mostra integra 12 membros, de perfis e experiências variadas, entrevistados ao longo dos dias, de manhã, de tarde ou à noite, que a seguir mencionamos:

- 7) Bemposta, António Maria Marcos - Experiência de vida no ultramar, Moçambique, como Irmão dos missionários da Boa Nova. Posteriormente casou-se com uma senhora de Goa (matrimónio misto). Teve de refazer a sua vida de raiz, em dois momentos, na partida para Moçambique e no regresso a Portugal.
- 8) Urrós, José Maria Rito – Mestre Gaitero de gaita-de-foles, herdada do seu pai. Emigrante no Brasil, na Guiné, e com experiência, por causa da gaita, de viajar pelas feiras de Espanha, França, Inglaterra e Japão.
- 9) Urrós, José Maria Marcos – Dono de uma pequena loja, emigrante em Moçambique e na Alemanha. As diversas experiências de vida permitiram-lhe identificar o que não era a sua vocação profissional.
- 10) Urrós, Joaquim Cardoso - Radioamadorismo, técnico electricista, inventor, emigrante na Guiné, e na França, 30 anos. Muito crítico para com a realidade que se vive na aldeia de Urrós.
- 11) Bemposta, Humberto Flores Machado - Emigrou aos 20 anos para Espanha, dedicou-se à construção e integrou-se na vida social da "movida" e festa espanhola. Depois de 21 anos, voltou para a sua aldeia e trabalha no seu primeiro sonho: ser pastor de gado caprino.

- 12) Bemposta, Manuel Falcão – Foi electricista até os 35 anos, altura em que mudou para as Artes, que estudou no Porto. Dedicou-se à pintura, escultura, gravação da madeira. Trabalha com todo o tipo de materiais que recicla. Está a construir a sua própria casa, de arquitetura original e materiais variados.
- 13) Bemposta, Artur Lázaro Parreira – Cônego de Bemposta e ao serviço de outras aldeias, com uma visão bastante abrangente da aldeia ao nível religioso e cultural.
- 14) Urrós, Brígida Carvalho Vaz. Tecedeira. Tece o linho e é uma artista no tear tradicional. É procurada por espanhóis para comprar os seus produtos. Aprende receitas de cozinha pela TV; atravessou muitas dificuldades no seu casamento, é muito católica.
- 15) Bemposta, Maria dos Prazeres Flores, com conhecimentos tradicionais da terra, cozinha e costura. Viúva por duas vezes; emigrante na França por breve tempo. Subsiste graças à sua reforma e produtos da terra.
- 16) Bemposta, António Martins. Presidente da Junta de Freguesia e empresário, natural de Bemposta. Tem colaborado em diversas iniciativas para a melhoria da aldeia ainda antes de ser presidente, nomeadamente, na construção do pavilhão multiusos, restauro do moinho de água; apoio à cultura e tradições, e aos escritores da aldeia.
- 17) Bemposta, Mário Fernandes Marcos - assistente e gestor do Solar dos Marcos, natural de Moçambique, veio de pequeno para Urrós, experimentando as diferenças culturais; ex-membro da Marinha portuguesa, o que lhe deu uma experiência internacional e lhe permitiu conhecer diversos lugares: Espanha, Grécia, Turquia, Inglaterra
- 18) Bemposta, Manuel Marcos Morais - jovem rececionista do Solar dos Marcos, natural de Guimarães, tendo-se deslocado para Vila Real. Trabalhou na Força Aérea. Mantém-se aberto às mudanças da sua vida.

“Stories have to be told or they die, and when they die, we can’t remember who we are or why we’re here.”

Sue Monk Kidd

5. CONCLUSÃO

Em forma de conclusão, algumas reflexões sobre a experiência de Bemposta e Urrós, a primeira das quais a constatação que foi uma experiência frutífera, que ainda será reflectida e aprofundada, assim como trabalhada no seu segundo momento, relativo à criação das narrativas digitais.

Da experiência destacam-se alguns aspetos. Antes de mais o reconhecer que a escolha de uma terra do interior não foi neutra. Estes locais ficam esquecidos, ou às vezes marginalizados, de todo o tipo de atividades, ao ponto de fomentar a ideia de que nada de novo (ou que valha a pena conhecer) acontece por aqueles locais. A própria investigadora, de origem multicultural, teve de fazer a experiência de mediação intercultural apoiada pelo seu assistente, ficando surpreendida pelas histórias e percursos destas pessoas.

A timidez inicial dos entrevistados, rapidamente foi ultrapassada, passando a sentir-se à vontade frente às câmaras. De facto, nenhuma das entrevistas durou menos de 1h e uma chegou mesmo a demorar 3h. Houve quem manifestasse, inclusive, o desejo de ser novamente entrevistada revelando não só a abertura da porta de casa mas também da própria vida, permitindo conhecer aspectos relativos às mentalidades, experiências vividas, situações de múltiplas cores que tiveram que enfrentar, levantando questões variadas para reflexão aprofundada.

De caminho para casa do entrevistado(a) o assistente comunicou algumas das características da aldeia, da sua atividade económica, história, etc. Uma vez chegados ao local, após cumprimentar a pessoa, foi escolhido um lugar confortável. A conversa introdutória para desbloquear a relação e a leitura conjunta do termo de responsabilidade fizeram parte do nosso ritual inicial, sublinhando a índole do projeto de investigação e a opção do anonimato. Também o teste inicial de som e imagem e finalmente, a comunicação de que os produtos finais seriam disponibilizados em diversos formatos (on-line, DVD, resumo do relatório) e locais (Solar dos Marcos, Paróquia de Bemposta).

De modo geral, houve abertura para contar todo o tipo de situações, em primeira pessoa, com fluidez e autenticidade, sem triunfalismos. Segundo o neurocientista António Damásio (1999) “a consciência inicia quando o cérebro adquire o poder, o simples poder de contar uma história” (cit. por MacAdams, 2008, p. 244). Todas as pessoas entrevistadas partilharam de forma espontânea as suas experiências, quase sem intervenção da investigadora. A faixa etária varia entre os 30 e os 90 anos. Possuem uma experiência de migração no interior ou fora de Portugal, quer pessoal quer relacionada com os seus familiares e uma vinculação de vários anos de estada em Bemposta ou Urrós. As suas entradas e saídas permitem-lhes perceber mudanças, como o facto de antigamente haver mais entreajuda entre as pessoas e hoje as relações serem muito menos próximas, a atitude perante as diferentes gerações e a educação dos homens e das mulheres. Alguns participantes referiram certo retrocesso nos valores das pessoas, o crescimento da aldeia com novas construções em tijolo, na zona da periferia, deixando isolada e degradada a zona central, menor adesão às festas das aldeias, inclusive as religiosas (o Menino Jesus, Sra. dos Prazeres, Santa Bárbara, a festa do chocalheiro). Foi notória a valorização da terra, pela sua paisagem e produtos: “bom vinho, bom azeite, azeitonas, legumes de grande qualidade...” e o regresso dos imigrantes que revitaliza as aldeias, no mês de agosto.

A divisão por género foi bastante clara. Os homens entrevistados salientaram a experiência de trabalho e responsabilidade familiar, tornado mais difícil o acesso ao seu mundo emocional, de preferências e de gostos. Já as mulheres entrevistadas, remetiam imediatamente para a família e para todo o seu mundo relacional, emergindo facilmente o sentimento religioso.

Algumas pessoas tinham a 4ª classe, outras fizeram formação técnica, inclusive universitária, ou foram-se formando de adultos pelo ensino recorrente. Muitas das competências adquiridas apresentam-se como uma exigência de resposta à sobrevivência,

e são desenvolvidas no contexto formal ou informal. A observação e autonomia na aprendizagem são características a salientar (por exemplo, dirigir a construção da própria casa, aprender cozinha através da TV, ou criar diversos artefactos electrónicos com a ajuda da Internet). A falta de trabalho é um factor recorrente ao longo do tempo, embora, na atualidade, se valorizem mais as atividades na aldeia, dada a dificuldade de poder arranjar trabalho no exterior.

Fica o convite a conhecer alguns entrevistados para conhecer estas aldeias e as suas mais-valias, relativamente aos produtos, tradições, à natureza e às possibilidades de turismo, o que ajudaria a contrariar a marginalização e o esquecimento experimentado pelas pessoas nestes locais.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, B. (2011). *The New Digital Storytelling. Creating Narratives with New Media*. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, LLC.
- BARTHES, R. (1990). *Introducción al análisis estructural de relatos*. In R. Barthes et al., *Análisis estructural del relato*. México: Red de Jonas.
- BINDÉ, J. (2008). *Rumo às Sociedades do Conhecimento*. Lisboa: Piaget.
- BLUCK, S., & Habermas, T. (2000). The life story schema. *Motivation and Emotion*, 24, 121–147.
- DROTNER, K. (2008). Boundaries and bridges: Digital storytelling in education studies and media studies. In K. Lundby (Ed.), *Digital storytelling, mediatized stories: Self-representations in new media* (pp. 61-85). New York: Peter Lang Publishing, Inc.
- LAMBERT, J. (2013). *Digital storytelling. Capturing Lives, Creating Community*. London and New York: Routledge.
- LUNDBY, K. (Ed). (2008). *Digital Storytelling, Mediatez Stories*, N. Y.: Peter Lang.
- MCADAMS, D.P. (1985). *Power, intimacy, and the life story: Personological inquiries into identity*. New York: Guilford Press.
- MCADAMS, D.P. (2008). Personal narratives and the Life Story. In R. W. Rovins & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of Personality: Theory and research* (3rd Ed.), (pp. 242-262). New York: Guilford Press.
- SAN MARTÍN ARCE, R. (2009). La entrevista en el trabajo de campo. *Revista de Antropología Social*, 9, 105-126.